

## Silvio de Almeida e seu discurso de posse: em questão os *ethé* do ministro

Silvio de Almeida and his inauguration discourse: the minister's *ethé* in question

Ana Cristina Carmelino<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste texto é analisar os *ethé* construídos por Silvio de Almeida em sua trajetória acadêmica e profissional e em seu discurso de posse como ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, o qual foi proferido em janeiro de 2023. Para os propósitos assumidos, o arcabouço teórico adotado para fundamentar a análise advém do diálogo entre duas perspectivas: Retórica Clássica (Aristóteles, 1964) e a Teoria Semi linguística do Discurso (Charaudeau, 2011). Entende-se que o *ethos* é edificado discursivamente a partir do que se diz, mas também depende de dados que preexistem ao que se diz. O estudo revela que o apelo a valores éticos consiste na principal técnica para persuadir o auditório-povo, pela confiabilidade, a comungar a realização de um projeto: reconstruir o país com base no diálogo, na cooperação e na união de esforços.

**Palavras-chave:** Silvio de Almeida. Discurso. *Ethos*. Retórica. Semi linguística.

**Abstract:** The aims of this text is to analyze the *ethé* constructed by Silvio de Almeida in his academic and professional trajectory and in his inauguration speech as Minister of Human Rights and Citizenship of Brazil, which was given in January 2023. For the purposes assumed, the theoretical framework adopted to support the analysis comes from the dialogue between two perspectives: Classical Rhetoric (Aristóteles, 1964) and the Semi linguistic Theory of Discourse (Charaudeau, 2011). It is understood that *ethos* is constructed discursively from what is said, but it also depends on data that pre-exist what is said. The study reveals that the appeal to ethical values is the main technique to persuade the public audience, through reliability, to share the realization of a project: rebuilding the country based on dialogue, cooperation and union of efforts.

**Keywords:** Silvio de Almeida. Discourse. *Ethos*. Rhetoric. Semi linguistic.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras, Guarulhos, SP, Brasil. Endereço eletrônico: [a.carmelino@unifesp.br](mailto:a.carmelino@unifesp.br).

## Considerações iniciais

Considerando-se que refletir sobre o *ethos* é pensar sobre a manifestação do sujeito no processo discursivo, neste texto buscamos analisar os *ethé* edificados por Silvio de Almeida em sua trajetória acadêmica e profissional e em seu discurso de posse como ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Para isso, tomamos como base os preceitos fundantes de Aristóteles (1964) e os pressupostos de Charaudeau (2011), autores cujas teorias que, embora invistam de modo diferente na concepção e operacionalização do *ethos* (um, na perspectiva da Retórica Clássica; outro, na abordagem Semi linguística), aqui, nos servem como estudos que se complementam, mesmo porque Charaudeau (2011) se apropria da noção retórica, atualizando-a no escopo de teoria de base discursiva.

No que tange especificamente ao discurso de posse de Silvio de Almeida<sup>2</sup>, ele foi proferido em cerimônia, no meio da manhã do dia 3 de janeiro de 2023, no auditório localizado no subsolo do Bloco A, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, e durou pouco mais de quarenta minutos<sup>3</sup>. Aclamado de pé pelas várias pessoas presentes, o ministro comprometeu-se a priorizar “a vida e a dignidade humana”, dedicando-se a um Brasil ao qual todos pudessem pertencer.

Em termos do contexto político, convém destacar, a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em outubro de 2022 implicava uma mudança de rumo na condução do país. Mais do que uma alternância de poder, ela procurava se afastar de práticas antidemocráticas que se tornaram correntes durante a gestão de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). Flertes explícitos com o autoritarismo (em mais de uma manifestação de que participou, defendia-se a volta das Forças Armadas ao poder) e questionamento da lisura do voto eletrônico como meio para apuração dos votos poderiam ser citados como exemplos. O discurso de posse de Silvio de Almeida foi um dos primeiros a marcar enfaticamente a proposta de mudança, a oposição<sup>4</sup>, daí a relevância e a justificativa de tomá-lo como objeto de estudo.

Tanto pela palavra externada quanto pela forma de pensar e agir, o sujeito orador demonstra como compreende a realidade, como entende a comunidade a que pertence, como racionaliza as relações sociais, como tece os sentimentos, enfim, como regula o tipo de relacionamento que quer manter com seus semelhantes. Inserido no contexto social, histórico,

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, S. L. de. Discurso de posse do ministro Silvio Almeida. **Gov.br**, 3 jan. 2023. 20p. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/DiscursodeposseDoMinistroSilvioAlmeidapdf.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

<sup>3</sup> A cerimônia de transmissão de cargo ao ministro de Direitos Humanos e Cidadania pode ser vista, na íntegra, em: [https://www.youtube.com/watch?v=HbhFy04-dJ8&ab\\_channel=Minist%C3%A9riodosDireitosHumanosedaCidadania](https://www.youtube.com/watch?v=HbhFy04-dJ8&ab_channel=Minist%C3%A9riodosDireitosHumanosedaCidadania). Acesso em: 20 fev. 2024.

<sup>4</sup> A título de ilustração, veja dois trechos do discurso de posse de Almeida: “Não permitiremos que um Ministério criado para promover políticas de direitos humanos permaneça sendo utilizado para a reprodução de mentiras e preconceitos. Chegamos ao cúmulo de ver a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos sendo usada para propagar discursos contra políticas de vacinação. Não mais. Essa era se encerra neste momento. Acabou!”, “Encerra-se também neste momento a era de um presidente que, se outrora se disse orgulhoso “defender a tortura”, usou seu cargo, amparado por sua ministra de Direitos Humanos, para investir contra o Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura”.

político, ideológico, cultural e cognitivo, conforme se verá, Silvio de Almeida faz emergir de si imagens que revelam consciência de fala (reflexiva e intencional), capacidade de mudar as circunstâncias e resolver problemas sem violência, bem como capacidade de raciocinar sobre o outro e valorizá-lo, gestos que, relacionados ao ser, saber e poder, servem evidentemente aos propósitos do convencimento ou persuasão do auditório. Afinal, como destaca Charaudeau (2016), os políticos são representantes da voz da opinião pública. Logo, como ministro, Almeida se torna porta-voz do povo.

### **O *ethos* sob dois olhares**

A noção de *ethos* não é nova. As considerações aqui tecidas também não trazem novidade à questão, mas se fazem necessárias a fim de justificar os pressupostos adotados na análise do objeto proposto. Levando-se em conta a opção teórica-metodológica a ser seguida, revisitamos o conceito na perspectiva da Retórica Clássica, especificamente a partir de Aristóteles (1964), primeiro de que se tem conhecimento a categorizar teoricamente *ethos*, antes de abordá-lo nos moldes da Semiologia, com base em Charaudeau (2011).

Na busca de encontrar os meios apropriados ao processo de persuasão, forma como Aristóteles (1964) define retórica, o filósofo propõe três provas técnicas que influenciam o auditório, tornando o discurso persuasivo. O *ethos* é uma delas e consiste no apelo do caráter moral, da personalidade, dos traços comportamentais do orador. As outras duas provas, *pathos* e *logos*, correspondem ao apelo às emoções e ao apelo à razão (discurso em si)<sup>5</sup>.

Embora a perspectiva aristotélica confirme a relevância do *ethos*, do *pathos* e do *logos* como estratégias de persuasão pela ética, pela emoção e pela lógica, respectivamente, o *ethos* é a principal delas<sup>6</sup>: é considerado o elo entre as demais táticas, tendo em vista que a figura do orador é responsável tanto por articular o discurso (demonstrar as estratégias persuasivas, os sentidos explícitos ou não da linguagem adotados para estabelecer acordo) quanto por despertar emoções no auditório.

Ferreira (2019, p. 13), que se apoia nos preceitos aristotélicos, destaca que,

[...] no *ethos*, reside a força de autoridade, que se impõe ou não aos ouvintes, pois liga-se a um processo de representação do orador diante de um público específico e, quando adequadamente apresentado como um recurso de identificação, provoca adesão e acordos favoráveis às intenções persuasivas do orador.

---

<sup>5</sup> Na *Arte Retórica*, *ethos*, *pathos* e *logos* são caracterizados por Aristóteles (1964, p. 22) nos seguintes termos: “Entre as provas fornecidas pelo discurso, distinguem-se três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar”.

<sup>6</sup> Sobre essa questão, Aristóteles (1964, p. 23) registra: “Muito errônea é a afirmação de certos autores de artes oratórias, segundo a qual a probidade do orador em nada contribuiria para a persuasão pelo discurso. Muito pelo contrário, o caráter moral deste constitui, por assim dizer, a prova determinante por excelência”.

Por essa ótica, a eficácia do discurso depende da constituição do *ethos*, isto é, da imagem que o orador constrói (ou deixa entrever) discursivamente de si<sup>7</sup>. Sendo verdadeira ou não, a representação precisa ser (ou parecer) positiva, causar boa impressão, inspirar confiança. Para mostrar-se fidedigno, merecedor de fé, de acordo Aristóteles (1964), além de valer-se das demonstrações, o orador deve apresentar três qualidades: prudência (*phrónesis* - usar argumentos razoáveis e ponderados), virtude (*areté* - argumentar com honestidade e sinceridade) e benevolência (*eúnoia* – parecer solidário e amável com o auditório).

A contribuição de Aristóteles (1964) quanto ao *ethos* pode ser vista de modo mais aprofundado em Eggs (2005). Em um percurso histórico-diacrônico da noção, é preciso destacar que a categoria greco-clássica ficou adormecida durante um longo tempo, mas foi reacendida e reconfigurada a partir do século XX, com o desenvolvimento dos estudos relativos à argumentação (cf. Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005), à Pragmática (cf. Ducrot, 1984), à Análise do Discurso (cf. Maingueneau, 1989; 2005; 2008), à Semiologia (Charaudeau, 2011) e à Argumentação no Discurso (cf. Amossy, 2018).

Como dito, na Retórica de Aristóteles, o *ethos* volta-se para o orador, que deve revelar seus traços de personalidade no/pelo discurso, independentemente de sinceridade e de uma valoração prévia do caráter, a fim de impressionar o auditório positivamente. Segundo Charaudeau (2011), com base em pressupostos da Teoria Semiológica do Discurso<sup>8</sup>, o *ethos* é visto como a imagem (construída no discurso) daquele que fala, no entanto, essa imagem não é exclusiva dele, depende também do olhar do interlocutor e de dados que preexistam ao discurso.

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade dele; ele é antes tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe a priori do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ao da linguagem (Charaudeau, 2011, p. 115).

A posição assumida por Charaudeau (2011, p. 115) se ampara numa concepção de *ethos* que traz em cena a noção de “identidade do sujeito falante”. Esta compreende tanto o aspecto social quanto o discursivo. Conforme o teórico, a identidade social é a que permite e legitima a fala com base no “estatuto” e no “papel” exigidos “pela situação de comunicação”; já a identidade discursiva é a imagem que o sujeito edifica ao enunciar, considerando-se os

---

<sup>7</sup> É importante registrar que, para Aristóteles (1964, p. 23), o *ethos* se constrói discursivamente e não por meio de uma valoração prévia do caráter do orador: “É preciso também que este resultado [inspirar confiança] seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador”.

<sup>8</sup> Vertente teórica da Análise do Discurso, a Teoria Semiológica do Discurso insere o discurso em uma problemática que estabelece uma ligação entre os fatos da linguagem e certos fenômenos psicológicos e sociais, tais como a ação e a influência (cf. Charaudeau, 2008).

“papéis que ele se atribui em seu ato de enunciação, resultados das coerções da situação de comunicação que se impõe a ele e das estratégias que ele escolhe seguir”. O *ethos*, desse modo, deriva da união das duas identidades; depende, portanto, não só do que se é (sujeito social), mas, também, do que se diz (sujeito enunciador).

Como base nessas considerações, Charaudeau (2011) estabelece relação entre *ethos* e imaginário social. Para ele, a identidade do sujeito – e, conseqüentemente, a constituição do *ethos* – passa por representações sociais, por isso a imagem construída pode concernir a indivíduos ou a grupos. Neste último caso, fala-se em *ethos* coletivo, que, diferentemente do individual, “corresponde a uma visão global [...] uma identidade que emana de uma opinião coletiva” (Charaudeau, 2011, p. 117).

O autor defende ainda que não há traços específicos do *ethos* (seja pela conduta do sujeito, seja pelo conteúdo do que propõe), porque ele mais transparece do que aparece, bem como que a constituição dele (do *ethos*) não pode estar desvinculada das ideias. A exemplo da política, diz que “as ideias não valem senão pelo sujeito [político] que as divulga, as exprime e as aplica. É preciso que este seja, ao mesmo tempo, crível e suporte de identificação à sua pessoa” (Charaudeau, 2011, p. 118). A partir dessas ponderações, propõe que, no discurso político, há duas grandes figuras identitárias, que, no entender do autor, se organizam em duas categorias de *ethos*: *ethos* de credibilidade (fundado em um discurso da razão) e *ethos* de identificação (fundado em um discurso do afeto). Tais categorias serão retomadas na análise do discurso de posse de Silvio de Almeida.

Do exposto até aqui, entende-se que *ethos* é a imagem que o orador constrói de si (e do outro) no/pelo discurso. Essa imagem, se construída discursivamente (na enunciação), não corresponde necessariamente à da pessoa real que fala (o locutor), mas ao ser que fala (sujeito enunciador), ser que é perpassado por representações sociais (sujeito social) e se mostra no interior de uma comunidade imaginária.

### **O discurso político e as estratégias de persuasão**

Qualquer fala política é um fato social. Como ato de comunicação, o discurso político é uma atividade discursiva que busca à influência social (pela dramatização, pelo apelo aos sentimentos e ao carisma e pela exaltação de valores) e cuja ação, conforme registra Charaudeau (2011, 2016), constrói imaginários de filiação comunitária e. Segundo o autor, o campo político é caracterizado por “relações de legitimidade, de credibilidade e de cooptação” (Charaudeau, 2011, p. 64). Tais relações estão diretamente vinculadas à identidade social e discursiva do sujeito político, tendo em vista que este deve mostrar que partilha certos valores e ter reconhecimento do público, seja pelo que é (demonstra ser), seja pelo direito de fazer ou dizer, seja pela capacidade adquirida de saber-fazer ou saber-dizer.

Nas palavras de Charaudeau (2011, p. 79),

[...] o político deve, portanto, construir para si uma dupla identidade discursiva: uma que corresponda ao conceito político, enquanto lugar de constituição de um pensamento sobre a vida dos homens em sociedade; outra que corresponda à prática política, lugar das estratégias de gestão do poder.

No que tange às estratégias discursivas utilizadas no processo de persuasão pelo sujeito político, além da própria identidade social, Charaudeau (2011; 2016) considera o modo como se apreendem a opinião pública e o percurso seguido para alcançá-la, o que se julga relevante defender ou atacar (pessoas, ideias ou ações), bem como as técnicas propostas por Aristóteles (1964), quais sejam, *logos*, *ethos* e *pathos*. Sobre as provas da Retórica Clássica, o teórico assim discorre:

[...] a encenação do discurso político oscila entre a ordem da razão e a da paixão, misturando *logos*, *ethos* e *pathos* para tentar responder à questão que supostamente se coloca o cidadão: “O que me leva a aderir a este ou àquele valor?” Para o político, é uma questão de estratégia a ser adotada na construção de sua imagem (*ethos*) para fins de credibilidade e de sedução, da dramatização do ato de tomar a palavra (*pathos*) e para fins de persuasão, da escolha e da apresentação dos valores para fins de fundamento do projeto político (Charaudeau, 2011, p. 84).

Na perspectiva aristotélica, convém reforçar, as técnicas de persuasão servem a qualquer discurso. Charaudeau (2011) observa o funcionamento dessas técnicas particularmente no domínio político. No caso, a construção do *ethos* político deve voltar-se ao auditório-povo, de modo que sirva como suporte de identificação com ele no que se refere aos valores comuns aspirados. Para o autor, embora circulem imagens negativas do sujeito político, no imaginário popular – muitas vezes associadas ao poder, ao *status*, à hipocrisia, à corrupção –, há também que se considerarem as imagens positivas, como o *ethos* de chefe humano, preocupado com os problemas/sofrimentos do povo e disposto a ajudar.

No que tange ao *pathos*, a persuasão se efetiva quando o discurso desperta emoções no ouvinte (cf. Aristóteles, 1964). Na ação política, conforme Charaudeau (2011, p. 90), o recurso ao discurso do afeto nem sempre toca o auditório. Para isso, é necessário que o orador saiba “escolher universos de crença específicos, tematizá-los de determinada maneira e proceder a determinada encenação, tudo em função do modo como ele imagina seu interlocutor ou público em função do efeito que espera produzir nele”.

A produção do efeito emocional no discurso político liga-se, muitas vezes, ao cenário narrativo que, comumente, segue um padrão: evidencia-se uma desordem social, que é instaurada por um adversário e requer uma solução. Esta viria do sujeito político orador, aquele que tem a habilidade de provocar o auditório para as emoções pretendidas e decorrentes do discurso. Nesse trâmite, o auditório pode ser envolvido em múltiplas

tonalidades do sentir (desanimar, desesperar, acalmar, tornar-se esperançoso) e modular a intensidade de suas emoções pelo que acredita ser justo, injusto, moral, imoral, certo, errado. Além das paixões, acionar os valores que correspondem aos da maior parte da opinião pública também é relevante para levar o auditório a aderir (a demonstrar interesse) ou não ao que está em questão (cf. Ferreira, 2019; Charaudeau, 2011).

Por fim, a constituição do *logos* no domínio político deve, segundo Charaudeau (2011), primar pela simplicidade (clareza e precisão na exposição de ideias) e pela argumentação. Esta consiste no desenvolvimento do raciocínio lógico voltado à explicação ou à demonstração, o qual leva em conta o verossímil, não a verdade (cf. Aristóteles, 1964). Trata-se de “propor um raciocínio causal simples, apoiando-se em crenças fortes supostamente partilhadas por todos e, de reforçá-las, apresentando argumentos destinados a produzir um efeito de prova” (Charaudeau, 2011, p. 101). Pelo *logos*, o orador político busca não apenas impressionar o auditório, mas também estabelecer acordo com ele.

Pode-se dizer, com base no exposto, que o discurso político é, por excelência, o lugar em que as relações de poder e de submissão são governadas por princípios racionais e passionais. A construção da imagem de si (*ethos*) e o universo dos afetos (*pathos*) são regulados pela racionalidade articulada no discurso (*logos*). Para os propósitos deste texto – analisar os *ethé* edificadas por Silvio de Almeida em sua trajetória acadêmica e profissional e em seu discurso de posse como ministro –, convém salientar que, sendo a linguagem política uma linguagem de identidade, toca-se o auditório pela pessoa do orador, cuja imagem encenada serve de suporte a um processo de identificação. O apelo a valores éticos, conforme se verá, dispõe favoravelmente o auditório a comungar da realização de um projeto.

### **Silvio de Almeida e seu discurso de posse: em questão os *ethé* do ministro**

Ninguém chega a ministro por acaso. Desse modo, a trajetória de Silvio de Almeida precede o seu discurso de posse. Posto isso, assume-se, juntamente com Charaudeau (2011), que a construção do *ethos* daquele que fala depende não apenas daquilo que se diz (o sujeito enunciativo), mas, também, de dados que preexistem ao discurso, isto é, do que se sabe a priori daquele que diz (o sujeito social). Com base nisso, comecemos pelos *ethé* do orador em foco, independentemente de seu discurso.

#### **a) Silvio de Almeida e a construção de *ethé* do acadêmico e profissional**

Especialista acerca da questão racial e das políticas discriminatórias, o ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil que iniciou o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é advogado, filósofo, escritor e professor universitário. Natural de São Paulo, Silvio Luiz de Almeida é graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ainda em termos de formação, é

mestre em Direito Político e Econômico pela Mackenzie e doutor e pós-doutor, também em Direito, pela USP (cf. Paiva, 2022).

Segundo dados da plataforma Lattes<sup>9</sup>, Almeida é professor da Faculdade de Direito do Mackenzie e das Escolas de Administração de Empresas e Direito da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, e desenvolve estudos em áreas como racismo estrutural<sup>10</sup>, *compliance*<sup>11</sup> e práticas antidiscriminatórias. Nesse tema, publicou o livro *Racismo Estrutural* (2019). Há, no entanto, outras obras assinadas por ele, como *Sartre: direito e política: ontologia, liberdade e revolução* (2016) e *O direito no jovem Lukács: a Filosofia do Direito em História e consciência de classe* (2006).

É importante destacar que, em 2009, Silvio de Almeida passou a presidir o Instituto Luiz Gama<sup>12</sup>, organização que reúne acadêmicos, juristas e militantes que atuam em favor das minorias e de causas populares, ou seja, em favor de uma educação antidiscriminatória. Ademais, em 2021, foi relator da Comissão de Juristas instituída pela Câmara dos Deputados para a apresentação de propostas legislativas no combate do racismo institucional e, em 2022, participou da equipe de transição de Luiz Inácio Lula da Silva, como um dos coordenadores do grupo de trabalho de direitos humanos.

Se, como registra Aristóteles (1964), a persuasão é obtida quando o orador deixa a impressão de ser digno de confiança, pode-se considerar que Silvio de Almeida mostra-se autorizado, crível a assumir o cargo que lhe foi confiado. A trajetória acadêmica e a atuação profissional do ministro conferem a ele o *ethos* de credibilidade, uma das grandes figuras identitárias políticas de que trata Charaudeau (2011). A credibilidade permite não apenas o saber dizer, mas também o poder fazer.

Considera-se que a formação e a performance de Almeida legitimam a construção de outros *ethé*, imagens que também se vinculam à credibilidade, caso da seriedade, da virtuosidade e da competência. O *ethos* de sério pode ser apreendido pela determinação e disciplina, uma vez que cursar duas graduações (Filosofia e Direito), concluir todas as etapas de pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado) e escrever três livros requer esforço, perseverança.

---

<sup>9</sup>ALMEIDA, S. L. de. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes** - CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6325980837929171>. Acesso em: 20 fev. 2024.

<sup>10</sup> Racismo estrutural é, segundo Almeida (2019, p. 33), uma dimensão do racismo que se desdobra em processo político e histórico: “uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”.

<sup>11</sup> O termo *compliance*, do inglês, refere-se ao ato de “estar em conformidade com a legislação, com regras empresariais e com as políticas internas da companhia [...] O maior intuito de garantir que o *compliance* seja plenamente adotado é identificar, prevenir e responder aos riscos que eventualmente possam atrapalhar a atividade empresarial” (Bittar, **Jusbrasil**, s/d).

<sup>12</sup> O Instituto Luiz Gama (ILG) se autodefine como “uma associação civil sem fins lucrativos formada por um grupo de juristas, acadêmicos e militantes dos movimentos sociais que atua na defesa das causas populares, com ênfase nas questões sobre os negros, as minorias e os direitos humanos” (<https://institutoluizgama.org.br/quem-somos/>).



Um dos índices que caracterizam o *ethos* de sério, segundo Charaudeau (2011, p. 120), é quando se demonstra “grande energia e capacidade de trabalho, onipresença em todas as linhas de frente da vida política e social, particularmente junto aos que sofrem”. Se, pelos dados curriculares, não se observa a participação de Almeida “em todas as linhas de frente da vida política e social”, observa-se, ao menos, vigor e habilidade de trabalho bem como preocupação com as pessoas minoritárias, visto que exerce mais de uma profissão (advogado, filósofo, escritor e professor universitário) e se dedica tanto a questões como racismo estrutural, práticas antidiscriminatórias quanto a causas populares.

O *ethos* de virtude, aquele que deve servir de exemplo, exige que o sujeito (no caso político) mostre fidelidade. Nas palavras de Charaudeau (2011), essa imagem é edificada com o tempo, depreendida ao longo da vida. Analisando, uma vez mais, o percurso acadêmico e profissional de Almeida, a “fidelidade” pode ser percebida pela mesma linha de pensamento e ações compatíveis com ela, voltadas às ciências sociais aplicadas, com ênfase nos direitos humanos. O *ethos* de competência deve-se ao conhecimento adquirido no percurso universitário e no trabalho exercido nas áreas de especialização, dados que certificam o saber e a aptidão de Almeida para agir de forma eficaz.

#### **b) O discurso de posse em si e a construção de *ethé* do ministro**

Ao tomar a palavra, o orador naturalmente imprime representações de si (*ethé*) diante de um auditório. Para funcionarem como técnica de persuasão, como dito, tais representações precisam causar boa impressão, logo, devem implicar virtuosidade, credibilidade, identificação. Vejamos como isso ocorre no discurso de posse de Silvio de Almeida, a partir das concepções de Aristóteles (1964) e de Charaudeau (2011). Antes, no entanto, apresenta-se uma síntese da fala proferida publicamente pelo ministro.

No início do discurso, após agradecer a confiança que lhe foi atribuída pelo presidente e a presença de diversas pessoas na cerimônia, destacando congressistas, parlamentares, autoridades do judiciário, ex-ministros(as), Almeida manifesta ciência da responsabilidade abraçada, ressaltando que a questão dos Direitos Humanos é central, pois “interessa a todos nós”, bem como se mostra honrado “em representar nacionalmente uma pasta de tanta importância para o povo brasileiro”<sup>13</sup>.

Na sequência, Almeida destaca a relevância da conexão estabelecida entre presente, passado e futuro, conexão a partir da qual organiza sua fala, uma vez que fornece uma mensagem para cada um dos tempos. No que concerne ao passado, enaltece a ancestralidade secular brasileira. Segundo ele, o passado é de suma importância não só porque, por meio dele, é possível

---

<sup>13</sup> Para evitar repetir a referência do discurso de posse, todas as citações podem ser consultadas em Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (**Gov.br**, 3 jan. 2023).

olhar o presente e lançar-se ao futuro, mas também porque permite, pela memória, reverência à luta, à verdade e à justiça de um povo que resiste e deve as suas forças aos seus ancestrais.

Quanto às iniciativas a serem tomadas a fim de amparar a nova perspectiva da pasta, o ministro reforça o compromisso de não esquecer as lições da história e honrar as lutas de diversas ordens (como escravidão, tortura, fome, autoritarismo), de não aceitar o preço do silenciamento e da injustiça. Compromete-se em instaurar o sentimento de paz. Segundo ele, “a verdadeira paz será aquela que construiremos com a verdade, com o cultivo da memória e a realização da justiça”.

No que se refere ao presente, o professor criticou a gestão da pasta anterior ao dizer que recebeu um “ministério arrasado”, com redução de conselhos de participação, descontinuidade de políticas públicas (caso da extinção da Comissão de Mortos e Desaparecidos da ditadura) e “redução do orçamento dos direitos humanos”. Além disso, destacou a reprodução de preconceitos e o fato de a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos ter sido usada para propagar mentiras, como discursos contra políticas de vacinação<sup>14</sup>.

Em contraposição a essa forma de governo, caracterizada como “absurda”, Almeida propõe-se a fazer uma revisão de atos realizados no governo passado e reforça o compromisso dele próprio e do presidente Lula com a democracia. Com base nisso, oferece empenho para reconstruir o ministério a partir do “diálogo, da cooperação e da união de esforços”. De acordo com o advogado, “todo o interesse legítimo trazido ao ministério será objeto de diálogo”.

Dentre os compromissos de gestão, reconhece a existência e o valor de pessoas e povos minoritários e marginalizados para o Estado brasileiro. Embora essa atitude devesse ser óbvia, segundo registra, o óbvio foi negado pelo governo anterior: “quero estabelecer [...] o compromisso deste ministério com a luta de todos os grupos vítimas de injustiças e opressões, que, não obstante, resistiram e resistirão a todas as tentativas de calar suas vozes”. Após a explicitação enfática de quem seria cada uma dessas vítimas, diz: “Vocês existem e são valiosos para nós”. Com isso, finaliza que, em sua administração, colocará “a vida e a dignidade humana em primeiro lugar”.

Ao mencionar três problemas estruturais no Brasil – “a violência autoritária, o racismo e a dependência econômica” –, o novo ministro salienta a necessidade de “reconstruir as instituições e comprometer toda a Administração Pública com políticas de direitos humanos”, propondo, como mensagem futura, a transversalidade, ou seja, a condução do ministério de forma integrada: a busca de apoio de outros ministros na reconstrução, execução e resolução de políticas públicas é posta como fundamental. Trata-se, portanto, de “desinsular o conceito de direitos humanos de um único ministério”.

---

<sup>14</sup> A título de contextualização, durante a pandemia da COVID-19, as vacinas foram desestimuladas e questionadas pelo governo Bolsonaro (cf. Alfano, **O Globo**, 23 mar. 2021).

Outros caminhos propostos por Silvio de Almeida são reconstruir um programa de proteção de defensores dos direitos humanos (ativistas, ambientalistas); lidar com a violência estatal e o racismo; garantir o funcionamento dos órgãos colegiados da pasta; restabelecer os mecanismos na democracia brasileira para lidar com as vítimas da Ditadura Militar; avançar nas políticas para pessoas com deficiência, idosas, LGBTQIA+<sup>15</sup>; elevar e recuperar o protagonismo do Brasil nos direitos humanos e reativar as políticas de cooperação internacional.

Ao final, emocionado, Almeida agradece nominalmente os secretários e assessores que aceitaram a missão de ajudá-lo na causa dos Direitos Humanos e recorre a Martin Luther King<sup>16</sup>, dizendo que “não há paz sem memória e não há paz sem justiça, e justiça é luta”. E acrescenta: “eu também tenho um sonho. E quero sonhá-lo com todo o povo brasileiro. Eu sonho com um futuro no qual nós já vencemos. Nós somos a vitória dos nossos ancestrais. Nós somos a vitória, também, daqueles que virão depois de nós”. Do exposto, observa-se que o ministro procura manifestar alento, propondo reconstruir o ministério (o Brasil, como um todo), estabelecer a ordem, o diálogo e valorizar a vida e a dignidade.

Com base na síntese do discurso – embora seja difícil resumir algo em que o conteúdo todo se mostra essencial –, observa-se que Silvio de Almeida constrói diversos *ethé* de si a fim de angariar atenção e estabelecer acordos favoráveis às suas intenções persuasivas. No que tange ao *ethos* aristotélico, especialmente às disposições que o orador deve apresentar para inspirar confiança, nota-se que o jurista manifesta todas elas, revelando, portanto, prudência (*phrónesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eúnoia*).

O *ethos* de *areté* permeia a fala como um todo, mas se destaca no início e no final do ato retórico, quando o ministro se apresenta, explicita ou implicitamente, como agradecido e humilde. Essas imagens podem ser extraídas dos seguintes enunciados: “sinto-me muito prestigiado”; “Trabalhadores e trabalhadoras do Estado [...]: a vocês meu reconhecimento e meu muito obrigado”; “Hoje, coloco-me humildemente como um operário da escrita de mais um capítulo deste sonho”; “termino dirigindo uma mensagem especial aos meus secretários e assessores, que muito me honraram a aceitar essa tarefa, quero agradecer a todos”.

A virtuosidade também é percebida quando, ao se posicionar de forma franca, o ministro demonstra ser justo (“jamais aceitaremos o preço do silenciamento e da injustiça”), comprometido (“Quero, no entanto, estabelecer aqui um primeiro compromisso. O compromisso

---

<sup>15</sup> A sigla LGBTQIA+ (que corresponde, respectivamente, a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo), refere-se a um movimento civil e social que busca defender a aceitação das pessoas representadas por esses termos na sociedade, além do respeito integral aos direitos dessas pessoas (cf. Fundo Brasil, s.d.).

<sup>16</sup> Martin Luther King Jr. (1929-1968) “foi um ativista norte-americano, lutou contra a discriminação racial e tornou-se um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos” (Frazão, **Ebiografia** s.d.).

deste Ministério com a luta de todos os grupos vítimas de injustiças e opressões”), bem como corajoso para enfrentar o trabalho e os problemas que o esperam (“Tenho certeza de que muitas serão as dificuldades. E muitos permanecerão os problemas ao final da nossa gestão. Desafios de toda a sorte nos aguardam. Mas uma coisa posso garantir: não esquecerei os esquecidos”).

O *ethos* de *phrónesis* é desvelado sempre que o ministro se mostra sensato, prudente, ponderado, ou seja, exprime opiniões competentes e razoáveis. No caso, tal representação pode ser vista quando Almeida divide com todos a incumbência de conduzir os encargos abraçados (“Assumo hoje a função de ministro de Estado de Direitos Humanos e Cidadania. Tenho a consciência de que não o faço só”) e destaca como proposta a necessidade de dividir com toda a Administração Pública as políticas de direitos humanos (“Não podemos pensar os direitos humanos apenas como amarras à ação ou instrumento para remediar tragédias. Precisamos impregnar a administração pública com a defesa dos direitos de todas e todos”).

Já o *ethos* de *eúnoia*, o mais expressivo do discurso em questão, por revelar crenças e valores, é externado quando o orador demonstra não apenas simpatia pelo auditório, mas, sobretudo, preocupação, solidariedade, benevolência, benquerença para com ele. Considerando-se que essas imagens transcorrem em boa parte da fala de Almeida, convém citar, na íntegra, o trecho que sintetiza o olhar solidário dirigido a pessoas e povos minoritários e marginalizados historicamente<sup>17</sup>, aqueles que, nas palavras do ministro, merecem atenção e respeito em seu governo:

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós. Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós. Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós. Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós. Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós. Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós. Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós. Com esse compromisso, quero ser Ministro de um país que ponha a vida e a dignidade humana em primeiro lugar.

No tocante à constituição do *ethos* político no discurso, conforme os pressupostos de Charaudeau (2011), pode-se observar que Almeida procura tanto obter credibilidade junto ao auditório quanto identificar-se com ele no que diz respeito aos valores comuns almejados. A fala pública do ministro se funda na razão e no afeto, permitindo que se depreendam as figuras

---

<sup>17</sup> É preciso destacar que o enunciado “vocês existem e são valiosos para nós” retoma, de forma parafrástica, o nome do movimento ativista internacional “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam), com se observa em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Black\\_Lives\\_Matter](https://pt.wikipedia.org/wiki/Black_Lives_Matter).

identitárias comuns ao discurso político, as quais caracterizam o *ethos* de credibilidade e o *ethos* de identificação.

Para Charaudeau (2011), a condição da credibilidade é a sinceridade ou a transparência, qualidades estas, como vimos, que remetem à virtude (*areté*), uma das dimensões do *ethos* tratadas por Aristóteles (1964). Desse modo, podemos considerar que as imagens do orador agradecido, humilde, justo, comprometido e corajoso – depreendidas do discurso de Almeida e citadas anteriormente – servem por si só para sopesá-lo como digno de crédito. Há, entretanto, outros *ethé* que contribuem para a confiabilidade do político, segundo registra Charaudeau (2011): a seriedade e a competência também ajudam a compor a categoria.

O *ethos* de sério, que Almeida constrói em seu discurso, pode ser visto por índices distintos, como: autocontrole (aferido pelo tom firme e comedido e pela elocução continuamente serena<sup>18</sup>); demonstração de capacidade de trabalho; pelas promessas firmadas que exprimem precisão e buscam ajustar projetos aos meios existentes; pela preocupação com o bem público de maneira realista e respeitosa para com o cidadão. Além de enunciados citados, dos quais se pode depreender a imagem séria, o trecho que segue condensa boa parte dos traços indicados à caracterização da seriedade do ministro: “Mesmo que meu ministério não possua hoje estrutura para executar diretamente políticas neste sentido, procurarei imediatamente [...] outros companheiros e companheiras ministros para me somar a um esforço”.

O *ethos* de competente vincula-se ao saber e ao poder fazer do orador. O possuidor dessa imagem, segundo Charaudeau (2011, p. 125), deve conhecer com profundidade a atividade que exerce e “provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos”. A competência pode ser notada quando o ministro revê como os direitos humanos são pensados (“não podemos pensar os direitos humanos apenas como amarras à ação ou instrumento para remediar tragédias”), propondo “impregnar a administração pública com a defesa dos direitos de todas e todos e promover os direitos humanos como instrumentos da criação de um novo Brasil”, isto é, estendê-los à saúde, à educação, à assistência social, à economia.

Se a credibilidade leva o político a conquistar o auditório pela confiança que ele deixa transparecer, o caminho constitutivo da identificação leva o político a tocar o maior número de indivíduos, mas essa não é uma tarefa simples. Conforme Charaudeau (2011), algumas imagens que podem ajudar nesse processo, porque essencializam os políticos enquanto pessoas por meio de certos traços, são: potência, caráter, inteligência, humanidade, chefe e

---

<sup>18</sup> Tais dados podem ser conferidos em: <https://www.youtube.com/watch?v=HbhfY04-dJ8> (link da cerimônia de transmissão de cargo).

solidariedade. Todas essas representações são edificadas por Almeida em seu discurso de posse. Algumas delas, inclusive, já foram abordadas quando tratamos das qualidades do *ethos* aristotélico.

A exemplo, o *ethos* de caráter (quando o orador-político se mostra generoso, justo, corajoso, dando a entender que sabe/saberá enfrentar os problemas) e o *ethos* de potência (no qual o orador se mostra determinado a agir) podem ser equiparados ao *ethos* de *areté*, cuja principal característica é a virtude. Tais representações construídas discursivamente pelo ministro, assim como as já ilustradas, também podem ser observadas no excerto “Em um momento no qual o extremismo, o racismo e a produção maliciosa de notícias faltas se disseminam diante da ausência de políticas públicas, será fundamental retomar também um plano de educação em direitos humanos e promoção de uma cultura de respeito, igualdade, democracia e paz”.

O *ethos* de solidariedade e o de humanidade podem ser aproximados do *ethos* de *eúnoia*, uma vez que o ponto comum entre eles é o zelo para com os outros. A imagem do político solidário pode ser observada quando Almeida demonstra atenção às necessidades das pessoas e povos minoritários (“Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós”), explicitando que partilha das mesmas necessidades e se torna responsável por elas. Ser solidário é deixar transparecer a consciência das responsabilidades que lhe cabem; é apelar a valores éticos de igualdade e solidariedade, que tocam a parte mais carente/desfavorecida e ajudam a construir um *ethos* de líder consciente do descaso e decidido a exterminá-lo por meio do cuidado e da generosidade.

A representação de humanidade pode ser vista quando Almeida se compromete a lutar contra a violência estatal, especificando: “lutar contra o assassinato de jovens pobres e negros, lutar contra um direito administrativo que rouba camelôs, expulsa crianças da escola, fecha postos de saúde, recolhe pertences de pessoas em situação de rua, e permite agressão contra todos os excluídos e marginalizados da nossa sociedade”. Nesse caso, apesar de não sofrer dos mesmos males, o político promete ajuda (“quero lutar”) e demonstra preocupação, sentimento de compaixão para com o sofrimento alheio.

Por fim, mais dois *ethé* identificados a partir da fala pública do ministro, que buscam a identificação com o auditório, são o de chefe e o de inteligência. O *ethos* de chefe pode ser observado sempre que o ministro se mostra capaz de guiar o auditório-povo (“Não nos movimentamos apenas em um plano, para que não nos esqueçamos jamais da grandiosidade das nossas lutas. Nossa conexão é com passado, presente e futuro”), demonstrando caminhos possíveis e formas de governar (“Vamos garantir o funcionamento dos órgãos colegiados do Ministério, revogando e/ou editando novos atos normativos e reconhecendo-os como espaços legítimos de gestão participativa”).

A imagem de inteligente é extraída especialmente do conhecimento e da bagagem cultural demonstrados, os quais podem ser notados tanto por índices como origem, formação

acadêmica e atuação (“Eu sou advogado, estou ministro do Estado, mas, ser professor, é a coisa que eu mais tenho orgulho de ser”; “como acadêmico”), quanto por recorrer ao longo do discurso a dizeres e pessoas conhecidos historicamente, caso do ditado iorubá (“Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”), de Carlos Drummond de Andrade (“Não nos afastemos... vamos de mãos dadas”); do Mano Brow (“Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal”), Emicida (“Se lembram de mim. Sentem escorrer da minha voz, escutam a música da minha alma”) e de Martin Luther King (como se verá na sequência).

Sabe-se que, após instituído ministro, Almeida passa à representação simbólica de servidor de uma República, entidade abstrata que constitui parte fundadora da identidade coletiva de um povo. Nesse sentido, como político, fala “para todos como portador de valores transcendentais: ele é a voz de todos na sua voz, ao mesmo tempo em que se dirige a todos como se fosse o porta-voz de um ideal social” (Charaudeau, 2011, p. 80). Isso fica claro no excerto do discurso em que diz “Quero ser ministro dos direitos humanos de um país no qual este conceito ressoe no coração do homem e da mulher comum, dos trabalhadores e trabalhadoras informais e precarizados, um país no qual consigamos levar adiante nossa mensagem” ou, com base em Martin Luther King, o ministro diz: “Eu tenho um sonho [...]. E quero sonhá-lo com todo o povo brasileiro. Eu sonho com um futuro no qual nós já vencemos. Nós somos a vitória dos nossos ancestrais. Nós somos a vitória, também, daqueles que virão depois de nós”.

Se a instância do discurso político é provedora de um sonho e constrói sonho (um ideal social) juntamente com o auditório-povo, o ato retórico de Almeida estabelece uma espécie de pacto de aliança com ele: o compromisso de constituir “o Ministério do diálogo, da cooperação e da união de esforços”. Com isso, o político busca inspirar confiança e obter admiração, visando à adesão da imagem ideal do cargo que assume e que se encontra no imaginário coletivo dos sentimentos e emoções. Tais considerações podem ser conferidas, conforme demonstrado, por meio dos vários *ethé* edificados pelo ministro em seu discurso de posse.

O efeito emocional do discurso de posse vincula-se ao cenário narrativo. Ainda que Almeida tenha organizado sua fala de forma a externar uma mensagem para cada um dos tempos (presente, passado e futuro), ela reproduz o padrão do discurso político, segundo registra Charaudeau (2011): evidencia-se uma desordem social, que é instaurada por um adversário (“Recebo um ministério arrasado”) e requer uma solução, a qual está a cargo do ministro orador (“reconstruir tudo aquilo que foi desmontado por este verdadeiro projeto de destruição nacional que chamávamos de governo anteriormente”). Ao propor a reconstrução do país com base no diálogo, na cooperação e na união de esforços (“Seremos o Ministério do diálogo, da cooperação e da união de esforços”), Almeida provoca no auditório emoções ligadas à satisfação de necessidades e desejos, caso da calma, da confiança, que levam à esperança, à expectativa de um futuro melhor, em que haja dignidade humana e valorização de todos.

Em termos de persuasão, pode-se dizer que a constituição dos *ethé* se efetiva, no geral, por meio de um discurso que exhibe mais a força da emoção que a da razão (com explicação e demonstração). Pelos enunciados citados ao longo deste texto para ilustrar as categorias, verifica-se que, muitas vezes, o orador se apoia em crenças e valores supostamente partilhados por todos, buscando reforçá-los com base em artifícios argumentativos que produzem um efeito de prova, como: o peso das circunstâncias (“Recebo um ministério arrasado”); a vontade de agir do sujeito (“que todo o ato ilegal, baseado no ódio e no preconceito, será revisto por mim e pelo Presidente Lula”); a autoridade de si (“como ministro”, “Sou fruto de séculos de lutas e resistências de um povo que não baixou a cabeça mesmo diante dos piores crimes e horrores da nossa história”); o recurso a valores (“será fundamental retomar também um plano de educação em direitos humanos e promoção de uma cultura de respeito, igualdade, democracia e paz”); a desqualificação do adversário (“Conselhos de participação foram reduzidos ou encerrados, muitas vozes da sociedade foram caladas, políticas foram descontinuadas e o orçamento voltado para os direitos humanos foi drasticamente reduzido”).

### Considerações finais

Considerando-se que a eficácia do discurso não depende apenas da manifestação das propriedades linguísticas, mas, também, da imagem que o sujeito orador deixa entrever de si, quer seja pelo que diz ao tomar a palavra publicamente, quer seja por índices que podem ser depreendidos do percurso de sua vida, neste artigo, procuramos analisar os *ethé* construídos por Silvio de Almeida em sua trajetória acadêmica e profissional e em seu discurso de posse como ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, proferido em janeiro de 2023. No percurso que fizemos (e para os propósitos assumidos), apoiamos-nos no arcabouço teórico da Retórica Clássica, a partir de Aristóteles (1964), e da Semiologia, com base em Charaudeau (2011).

Desse modo, assumimos não apenas que, ao enunciar, o sujeito deixa transparecer imagens de si, que funcionam como um artifício de extrema relevância no processo de persuasão (Aristóteles, 1964), mas, também, que, para dispor favoravelmente o auditório, essas imagens dependem do que se diz e de dados que preexistem ao que se diz, pois elas devem servir de suporte a um processo de identificação (Charaudeau, 2011). Isso fica evidente no caso do ministro e de seu discurso em questão, em que se verifica que as ideias valem pelo sujeito que as expressa e as executa. O apelo a valores éticos serve, portanto, como a principal prova. Busca-se, por meio dele, comungar a realização de um projeto: reconstruir o país com base no diálogo, na cooperação e na união de esforços.

Desse modo, os *ethé* construídos nessa empreitada são diversos. No que diz respeito aos preceitos aristotélicos, observa-se que, ao tomar a palavra, Silvio de Almeida insira



confiança ao usar argumentos razoáveis e ponderados (*phrónesis*), argumentar com honestidade e sinceridade (*areté*) e parecer solidário e amável com o auditório (*eúnoia*). Quanto à construção do *ethos* político, nota-se, a partir de sua trajetória acadêmica e profissional, a construção do *ethos* de credibilidade, uma vez que Almeida se mostra sério, fiel no modo de pensar e agir e competente. Ainda no que concerne ao *ethos* político, considerando-se o discurso de posse, verifica-se que o ministro desvela tanto o *ethos* de credibilidade quanto o *ethos* de identificação, tendo em vista que revela seriedade, virtuosidade, competência, caráter, potência, humanidade, solidariedade, inteligência e aptidão para liderança.

Com base no exposto, pode-se dizer que, no plano do ser, Almeida fundamenta seu discurso na demonstração da sua competência e da sua sinceridade. Sob esse aspecto, ele procura ultrapassar o “parecer-ser” e se efetiva com um *ethos* de homem bom, justo, solidário, prudente, agradecido, determinado, corajoso, humano. No plano do poder, no qual o que está em questão é o lugar institucional e as marcas que ele veicula, o orador autorizado, mostra um *ethos* com reflexos dessa instituição, pois fala do lugar ocupado, fala como ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil. Ao fazer isso, revela imagens de determinado e de chefe humano. O saber do orador é demonstrado por meio do *ethos* de competência, de inteligência, a partir da capacidade adquirida (saber-fazer e saber-dizer) e do que percebe como desejável pelo auditório, afinal, também é porta-voz do povo.

## Referências

ALFANO, B. Veja sete vezes em que Bolsonaro desestimulou vacinas contra a Covid-19. **O Globo**, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/vacina/veja-sete-vezes-em-que-bolsonaro-desestimulou-vacinas-contracovid-19-24938536>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ALMEIDA, S. L. Discurso de posse do ministro Silvio Almeida. **Gov.br**, 3 jan. 2023. 20p. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/DiscursodeposedoMinistroSilvioAlmeidapdf.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ALMEIDA, S. L. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes - CNPq**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6325980837929171>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. L. **Sartre: direito e política: ontologia, liberdade e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ALMEIDA, S. L. **O direito no jovem Lukács: a filosofia do Direito em história e consciência de classe**. São Paulo: Alfa-Ômega, 2006.

AMOSSY, R. **Argumentação no discurso**. Trad. A. M. S Corrêa [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica**. Trad. A. P. Carvalho. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964.

BITTAR, G. F. J. O conceito de *compliance* e seus principais pilares. **Jusbrasil**, s/d. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-conceito-de-compliance-e-seus-principais-pilares/1227227359>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Trad. A. M. S. Corrêa e I. L. Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Trad. D. F. da Cruz e F. Komesu. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública**. Trad. A. M. S. Corrêa. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.

EGGS, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

FERREIRA, L. A. Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do *ethos*. In: FERREIRA, L. A. (org.). **Inteligência retórica**: o *ethos*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 9-23.

FRAZÃO, D. Martin Luther King Jr. **Ebiografia**, s.d. Disponível: [https://www.ebiografia.com/martin\\_luther\\_king/](https://www.ebiografia.com/martin_luther_king/). Acesso em: 20 fev. 2024.

FUNDO BRASIL. LGBTQIA+. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

INSTITUTO Luiz Gama. Disponível em: <https://institutoluizgama.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PAIVA, L. Quem é Silvio de Almeida, advogado escolhido para ministro dos Direitos Humanos. **Jota**, 22 dez. 2022. Disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/quem-e-silvio-de-almeida-advogado-escolhido-para-ministro-dos-direitos-humanos-22122022>. Acesso em: 20 fev. 2024.

## Sobre a autora

Ana Cristina Carmelino

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7576-0595>

Graduada em Letras pela Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), mestre e doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma instituição, pós-doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp. Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É membro do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Coordena o Grupo de Estudos de Textos Humorísticos (GETHu/CNPq) e integra o Centro de Pesquisa Fórmulas e Estereótipos-Teoria e Análise (FEsTA). Desenvolve pesquisa na área de texto, discurso, retórica e humor.

Recebido em março de 2024.

Aprovado em junho de 2024.